

Apenas uma questão mercadológica?

Parece que o tema educação se incorporou ao discurso dos políticos, ultimamente. FH tem ensaiado algo para a solução de nossos problemas e, na recente reunião de cúpula ibero-americana, se exaltou a necessidade de investir no setor. Mesmo empresários e órgãos de comunicação têm aderido de bom grado à discussão. Mas é preciso colocar sinais de alerta.

O motivo evidente de muitos, que agora se mostram preocupados com assunto tão longamente negligenciado, é a necessidade mercadológica de se obter mão-de-obra

mais especializada no Brasil, para nos equiparmos às condições da concorrência internacional. Os exemplos orientais são determinantes. Aí é que está o perigo. Essa pode ser uma visão extremamente reducionista da educação, que transcede — e muito — o mero treinamento profissional para atender a demandas econômicas.

A finalidade da educação, segundo pedagogos jamais ultrapassados, como Sócrates, Platão, Comenius, Rousseau, Pestalozzi, é formar homens plenos em sua humanidade, ou seja, possibilitar o desenvolvimento das potencialidades da criança nos campos intelectual, moral, afetivo, estético, psíquico... Para isso não basta criar escolas,

aumentar salários de professores, promover a *instrução* em todos os setores. Essas iniciativas são inegavelmente urgentes, benéficas e justas. Mas a educação tem uma dimensão mais profunda do que simples atitudes e finalidades burocráticas e econômicas.

Basta lembrar que uma sociedade como a alemã, no pré-guerra, tinha um dos melhores sistemas de escolas públicas do mundo. Isso não impediu que uma nação inteira mergulhasse na barbárie do nazismo. Basta analisar o modelo educacional japonês — tão invocado entre

nós — e constatar a opressão da individualidade dos alunos, o que provoca o suicídio de muitos. Sob qualquer corrente pedagógica que se encare aquele sistema, se verá que não se trata de educação, mas de adestramento.

A reforma educacional deve atingir as raízes filosóficas, os princípios norteadores da educação e envolver todos os setores da sociedade. O modelo tradicional — apesar de se apoiar numa tradição humanista, há muito perdida — pratica a assimilação passiva de conhecimentos prontos, com o objetivo de encaixar o aluno no futuro mercado de trabalho. Sabemos muito bem que nem esse reduzido objetivo pedagógico a que se propõe a educação

brasileira se consegue realizar com eficácia. Para revertermos o quadro, não adianta repetir as propostas de outros países. Urge mudar substancialmente. Enumeremos alguns pontos cruciais da questão:

■ O principal no processo pedagógico deve ser o binômio humano: a criança, com o desenvolvimento de suas potencialidades, e o professor, como pessoa realizada e preparada existencialmente para ajudar o desabrochar de outra pessoa. Assim, todo investimento em educação deve primeiro pensar nas necessidades pedagógicas da criança e na urgência de verdadeiros educadores.

■ O objetivo central da educação deve ser desenvolver seres humanos com uma razão crítica, com uma visão de mundo ética e humanista, com criatividade, senso estético e equilíbrio afetivo e psíquico. Por mais que isso contrarie muitos tecnicistas da educação, a família e a escola devem se preocupar tanto com valores como justiça, solidariedade, respeito ao próximo, como com Matemática e Português.

■ A escola precisa de uma revolução. Há muito ela deixou de atender às exigências da criança atual. Não mais salas com carteiras e lousas, mas espaços de ação de aprendizagem livre, com material pedagógico estimulante! Não mais escolas de concreto e corredores vazios, mas o verde integrando a educação! Não mais sistemas arcaicos de avaliação, que só medem o que se memorizou,

mas capacidade crítica, criatividade, espírito de pesquisa! Não mais livros didáticos monótonos, mas a vida na escola com toda a sua complexidade e fascínio...

■ A educação não pode ser vista como responsabilidade apenas das escolas. Tudo na sociedade pode ser e é pedagógico, em sentido positivo ou negativo. Na família, no trabalho, nos meios de comunicação, na ação política, nos atos religiosos, em qualquer setor de atividade humana, estamos ensinando às novas gerações modelos e propostas de conteúdo técnico, político e moral. Isso é tanto mais verdade na sociedade moderna, em que a criança está em contato com o mundo pela televisão e pela interação intensa com os adultos.

Se levarmos em conta essas considerações, uma angústia sadia tomará conta de nossas consciências. Não basta acusar o governo e esperar que o Congresso vote os novos investimentos para a escola pública. Qualquer pessoa pensante deve se empenhar pela mudança da educação nesse sentido global, promovendo a cultura, mas também praticando a ética, empenhando-se por uma sociedade humanista, e não apenas preocupada com dados do PIB, e dando mais importância à criança, como promessa de um futuro mais luminoso.

■ *Dora Incontri é jornalista, escritora e educadora*